

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
número 1 -novembro de 1998

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
Número 1 - Novembro de 1998

Conselho Editorial

Edwin Gentzler
Else Vieira
Haroldo de Campos
Heloísa Gonçalves Barbosa
Ignácio Neiss
John Milton
Lúcia Rebello
Lya Luft
Maria da Graça Krieger
Rosemary Arrojo
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

Conto sobre
Czar Saltan
..... o seu glorioso e sábio filho
Guidon Saltanovitch e a bellissima princesa Cisne

Aleksandre Sergueievitch Pushkin[†]
Tanira Castro^{**}

Três donzelas, sentadas junto às suas rocas, conversavam enquanto a noite caía sobre a Terra.

- Se eu fosse czarina, - dizia uma - faria para meu senhor um quitute doce como o mel que as abelhas negras fabricam.

- Se eu fosse algum dia czarina, - respondeu a irmã - teceria, para a mesa de meu senhor, um pano mais suave que o seio do mar, em dia de verão.

- Eu, se me tornasse czarina, - respondeu a mais jovem - pediria às fadas um nobre filho, que se transformaria, mais tarde, em valente guerreiro e sábio legislador, que excederia em tudo os outros homens, inclusive seu senhor.

O czar Saltan, que se encontrava naquele momento em baixo da sacada das três irmãs, sorriu, ao ouvir suas palavras, mas as da mais moça ficaram gravadas em seu coração, e ele entrou no aposento onde as jovens fiavam.

- A benção de Deus esteja convosco - disse - e com toda a vossa família.

* Autor deste conto em versos escrito e 1838.

** Tanira Castro é professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS.

Ao vê-lo, as donzelas se levantaram e saudaram-no, inclinando-se até o solo. O czar fêz erguer-se a mais jovem, dizendo:

- Queres tu ser minha esposa e dar-me um nobre filho, que seja tão poderoso guerreiro e tão sábio legislador que exceda a todos os demais, inclusive o seu senhor?

Ela respondeu:

- Quero, Majestade.

- Pois assim seja - respondeu o czar -. Tuas irmãs deixarão também este lugar, e nos acompanharão. Uma delas dirigirá as cozinhas reais, e fará um quitute doce como o mel que as abelhas negras fabricam, e a outra presidirá aos trabalhos dos teares, e tecerá um pano mais suave que o seio do oceano durante o estio.

A donzela, então, pos sua mãozinha branca na mão de seu senhor, e este a levou para o palácio, acompanhada pela irmãs. Casaram-se no mesmo instante, pois a vontade do czar deve ser cumprida imediatamente, e os convidados comeram, beberam e se regozijaram.

Depois de muitos festejos, estes se retiraram depois de rogar a Deus que sua benção se derramasse sobre a casa. Enquanto isso, a encarregada da cozinha chorava junto ao fogo e a que presidia aos trabalhos dos teares se lamentava de ter que tecer; e os corações de ambas se enchiam de inveja, pensando na fortuna que favorecia a irmã.

Pouco tempo mais tarde, quis a sorte que o czar fosse chamado a batalhar em um país distante. Beijou, a esposa, pediu-lhe que cuidasse de sua pessoa como do tesouro mais precioso, tendo em conta o amor que ele lhe dedicava, e, montando no seu fiel corcel, partiu para o país em guerra. Durante muitos e melancólicos meses, não voltou ao seu reino. A czarina, fiel ao seu senhor, recebeu como presente das fadas um filho, cuja nobreza se lhe refletia já no semblante. Via-se nele um enviado de Deus, e sua estatura era a de um "archin".

A czarina enviou um correio, levando a faustosa notícia ao seu senhor e pos o recém-nascido ao calor do seu peito, cuidando dele como o faria uma águia ao seu filhote. Mas as invejosas irmãs urdiam juntas a maneira de trazer a desgraça sobre a cabeça da czarina. Conseguiram deter a carta do faustoso acontecimento, substituindo-a por outra falsa que dizia: “Vossa esposa recebeu para vós um herdeiro. Não é varão nem fêmea, e não se pode chamar rato, nem rã; mas sim um monstro sem nome, de forma indefinida e mau agouro.”

Quando o czar recebeu essa notícia, seu coração encheu-se de ira contra a czarina, por não ter cumprido a palavra. Teve tentações de precipitar-se sobre o mensageiro e matá-lo. Não obstante, a lembrança da beleza da czarina lhe deteve a mão. Baixou a cabeça e chorou. Quando cessou seu pranto, entregou uma carta ao correio, em que dizia: “Nada se faça até o meu regresso. Que nenhum contratempo suceda à czarina.”

Mas as duas irmãs esperavam, ansiosas, a volta do correio, e foram alcançá-lo longe do palácio, dando ordem para que fosse conduzido à sua presença. Obsequiaram-no de tal maneira com vinho tinto, que chegou o momento em que o rapaz já nem sabia se era dia ou noite, nem via diferença entre os dedos de sua mão e os cabelos da própria cabeça. Então as irmãs furtaram-lhe a carta do czar, e colocaram outra em seu lugar, selada com o sinete real. Alí ficou o correio toda a noite, como privado de vida, e na manhã seguinte se levantou e levou a carta ao Conselho de nobres do reino. As palavras escritas diziam o seguinte:

“Que a czarina e seu filho sejam atirados ao mar. Que não fique deles nem um só cabelo, cuja vista pudesse afligir meu espírito. Se não cumprirdes o que ordeno, vossas casas e vossas pessoas conhecerão minha cólera.”

Os nobres do reino sentiram em seu coração grande piedade, pois todos queriam bem à czarina e não estavam dispostos a cumprir o desejo de seu senhor, porquanto se tratava de fazer mal à sua esposa. Entraram no seu aposento e, tomando o mais velho deles a palavra, depois de inclinar-se, disse à czarina:

- A vontade do czar é que vós e vosso filho sejais lançados ao mar. Entretanto, se quiserdes desaparecer de tal maneira que não reste nem um cabelo de vossa cabeça, que possa reacender sua cólera quando a vir, podeis partir, sã e salva.

Respondeu a czarina:

- Não. Se não cumprísseis a vontade do czar, seguramente ele vos mataria. Quanto a mim, prefiro a morte, pois a vida me será amarga demais, se tiver de vivê-la à sombra do ódio de meu senhor.

Levantou-se de seu leito, envolveu o corpo em brancas vestes, saudou ao passar, o ícone do Senhor e, tomando o menino nos braços, dirigiu-se para a praia do Mar Azul. Quando ali chegou, foi fechada com o filho em um barril de madeira de roble, cujas frestas foram vedadas com resina, e nele foram lançados às águas.

E o barril flutuou sobre o Mar Azul.

As estrelas brilhavam no imenso céu azul, e uma única nuvem corria veloz pelas alturas dos espaços.

A chorosa czarina olhava o filho, vendo-o crescer em força e em graça não por dias, mas por horas. Quando haviam passado três dias e três noites, o menino implorou às ondas, dizendo-lhes:

- Ondas felizes, livres de correr aonde e como queirais, tende piedade de nós, que aqui estamos fechados dentro de um barril de roble. Vós podeis dar brilho a uma pedra que se encontre em uma praia arenosa, ou brincar com a espuma do mar, ou levantar um barco sobre vossa crista ondulante. Mas nós dois temos que estar comprimidos, nesta moradia apertada. Minha mãe chora da aurora até ao acaso, e eu sou um recém-nascido. Não me negueis, pois, o que vos peço. Ondas bondosas, lançai-nos a uma praia amiga.

As ondas impelidas pelas fadas ouviram os rogos do menino, lançaram o barril para as brancas praias de uma ilha e deixaram-no bondosamente sobre a areia. Depois se retiraram, para se unirem às alegres companheiras.

Entretanto, o barril continuava sendo a prisão de antes. Disse então o menino, em voz bem alta:

-Não chores mais, minha mãezinha. Já verás como destruo nossa prisão e te liberto.

E, pondo-se de pé no barril, alcançou a parte de cima com a cabeça. Fez, então tais esforços contra as tábuas de roble, que afinal elas cederam, o barril foi partido em dois, dele saindo a czarina para a luz do Sol.

Acharam-se, então, diante de uma pradaria florida, ao pé de uma colina abrupta, em cujo topo crescia um verde roble. O Mar Azul rodeava a ilha e brilhava ao sol. O menino havia-se transformado, então, num jovem, e deliciava-se com uma nova liberdade. Mas a cabeça da czarina pendia-lhe sobre o peito.

O filho pensou:

- Minha mãe, a czarina, está triste. Eu lhe darei alegria, trazendo-lhe manjares e bebidas.

Apanhou um galho de árvore, com o qual fez um arco, e um bambu, com o qual fez uma flecha, e foi-se em busca de alimento. Quando havia atravessado a florida pradaria e chegado além da abrupta colina, ouviu um lamento que vinha do lado do mar, e viu gigantesca ave de rapina que lutava com um cisne. Este se defendia com suas asas brancas, mas a força do atacante prevalecia e este sustinha o cisne entre as garras.

O moço, então, lançou uma flecha e matou a ave de rapina, de cujo peito jorrava sangue. A ave submergiu sob as ondas, gemendo. Mas sua voz não era voz de um pássaro.

O cisne, então, se aproximou da praia, pos a cabeça na mão do jovem e falou em língua russa dizendo-lhe:

- Tu és o meu salvador e meu amigo fiel. Não lamentes teres usado a tua flecha para me servir, embora com isso tenhas tardado algo mais em saciar tua fome. Serás recompensado com juro pelo teu comportamento, pois não socorreste um cisne vulgar, nem mataste uma ave de rapina como as demais. Sou uma fada, a que libertaste do poder de um bruxo negro. Estou obrigada, pois, a te servir com lealdade, e a te amar e obedecer em tudo quando mandares. Agora vai para onde está tua mãe, e dorme em paz esta noite.

No mesmo instante o cisne voou sobre as ondas. O jovem voltou, com efeito, para junto de sua mãe, e dormiu em paz. Quando abriu os olhos, ao despontar a aurora, não pode deixar de soltar uma exclamação de surpresa, pois algo maravilhoso se erguia diante de seus olhos. No cume da colina abrupta, onde ainda na véspera um carvalho estendia sua sombra, erguia-se uma cidade com seus muros cheios de alamedas, suas torres de marfim, as cúpulas douradas de seus palácios e suas esbeltas torres, que pareciam tocar o céu. Despertou, então, a mãe, gritando-lhe:

- Todo um mundo dourado apareceu durante a noite!

Caminharam ambos para a cidade e, já perto de suas portas, ouviram o tanger de um sino que da igreja próxima lançava seus sons. Mais tarde foram dois sinos a tocar; logo depois, três e depois se levantou um grande clamor por trás dos muros da cidade. Abriam-se as suas portas e por elas se derramou enorme multidão, como um rio em cheia ao sair do leito.

Toda aquela multidão os aclamava, dando-lhes boas-vindas com exclamações e gritos alegres. Dois nobres se inclinaram diante da czarina e de seu filho. Colocaram uma coroa sobre a cabeça do famoso jovem, e disseram:

- Pela graça de Deus, e com a benção de tua mãe, governarás sobre nós com sabedoria e pacificamente. Teu nome será Guidon.

E assim aconteceu.

Um dia, em que o vento agitava as águas do mar, estas trouxeram à costa da ilha uma flotilha de barcos, cujas brancas velas se enfunavam com a forte brisa que soprava. Todos os marinheiros olhavam, maravilhados, a ilha e a formosa cidade que coroava, lá no alto, a colina. De seus fortes, os canhões os saudavam com salvas convidando-os a se aproximarem da praia.

Dirigiu, pois, a tripulação, seus barcos para a ilha, onde Guidon lhes deu as boas-vindas. Ordenou que se celebrasse uma festa, durante a qual os marinheiros foram obsequiados com iguarias e vinhos cuja qualidade era tal que eles nunca tinham ouvido falar em coisa semelhante, nem pena alguma a tinha descrito. Só mesmo em um conto inverossímil aquilo poderia acontecer. Quando todos estavam saciados, Guidon lhes dirigiu algumas perguntas, dizendo-lhes:

- De onde vindes, meus queridos hóspedes? Sois os primeiros que chegais a estas praias? Qual é o carregamento de vossos barcos? Para onde ides ao partir daqui?

- Vimos do outro lado do mundo - responderam - e levamos ao reino do glorioso czar Saltan um verdadeiro tesouro de peles preciosas, procedentes de estranhos animais.

- Que a fortuna vos acompanhe. Levai ao czar as saudações de Guidon.

Dito isso, os barcos fizeram-se novamente ao mar. Enquanto navegavam, Guidon os via afastar-se com a alma cheia de tristeza. Viu, então, aparecer o cisne branco sobre as águas profundas. O cisne tomou a palavra, e disse:

- A paz seja contigo, príncipe! Por que está a tua fronte tão sombria, como os céus em dia chuvoso?

- Estou triste por não ver meu pai, e por não ter recebido sua bênção sobre minha cabeça.

- Então, não te entristeças mais, segue o caminho dos barcos que partiram para o reino de teu pai.

E batendo as águas do mar com as asas, fez o cisne com que caísse uma espécie de neblina sobre Guidon, que ficou envolto nela dos pés á cabeça, e ao seu contato se transformou em um mosquito. Voou o mosquito na direção dos barcos, até alcançá-los muito longe da praia, e se escondeu no rebordo de uma tábua.

Afinal, chegaram os barcos ao reino de Saltan, e quando os mercadores se dirigiram ao palácio, o mosquito os seguiu.

O czar estava sentado em seu trono, com suas ricas roupagem de arminho. Mas sua frente sombria estava carregada de tristeza. À sua direita sentava-se a irmã da czarina, que dirigia as cozinhas; à esquerda, a que presidia às tecelagens. Ambas tinham os olhos fitos no czar.

Pediu este a seus hospedes que se sentassem á mesa, que ele como senhor presidia, e disse-lhes:

- Muito tempo levastes viajando, meus amigos. Certamente fostes muito longe. Tivestes boa fortuna, no outro lado do mundo? Quais são as estranhas aventuras que dilataram vossa viagem?

- Tivemos boa e má fortuna, no outro lado do mundo. Porém o que mais estranheza nos causou, de tudo o que vimos, foi uma ilha em meio das águas azuis. Por mais que tenhamos passado próximo às suas costas, jamais havíamos visto coisa alguma além de um carvalho, em cima de uma colina abrupta. Mas eis que agora ali encontramos uma cidade poderosa, coroando o seu cimo. Suas ruas são calçadas de mármore; seus palácios resplandecem pelo brilho do ouro que tem. Quem governa a população é Guidon, que nos pediu que vos saudássemos em seu nome.

- Em verdade, se assim quiser Deus, irei ver essa ilha e falar com o príncipe Guidon.

Mas as irmãs da czarina, que tinham os olhos fitos no rosto do czar, sentiam-se temerosas só de pensar que seu senhor pudesse se ausentar tanto. A que dirigia a cozinha disse:

- Não duvido que isso seja maravilha para marinheiros, mas vi maravilha mais digna de ser mostrada ao czar. Em um verde bosque cresce um pinheiro e em baixo de sua copa se pode ver um esquilo cinzento. O esquilo passa o dia descascando avelãs, mas não avelãs comuns, pois suas cascas são de ouro o mais puro, e cada grão é uma esmeralda de cor verde-clara. Enquanto vai descascando as avelãs, canta canções populares russas. Isso, senhor, isso sim, é que é uma verdadeira maravilha!

- O czar ouviu com toda atenção, mas não replicou. Sentiu então Guidon tal raiva que se pôs a zumbir em torno da irmã da czarina, e depois lhe deu uma picada na olho, de tal maneira que ela não pode reprimir o choro, de dor. Todos os cortesões corriam, para dar caça ao mosquito, armados de lanças e espadas, porém ele não cessava de molestá-los, pousando-lhes nos narizes. Quando acreditavam tê-lo apanhado com uma das mãos, tornava a escapar para longe de seu alcance e zombava deles, às costas do czar. Por fim, desapareceu pela janela, atravessou o mar e, quando chegou à praia de sua ilha, voltou a ser o formoso jovem. O cisne branco, que estava sobre as ondas, deu-lhe as boas-vindas:

- Visitaste o reino de vosso pai e senhor - disse-lhe - e viste seu rosto. Por que, entretanto, permanecem tristes os teus olhos e está descontente o teu coração?

- Ouvi falar de algo maravilhoso, no palácio do czar meu pai, algo que existe em um verde bosque: um pinheiro sob o qual está sentado um pequenino esquilo, que passa o dia descascando avelãs; mas não avelãs das comuns, pois suas cascas são de ouro o mais puro e seus grãos, esmeraldas de cor verde-clara. Enquanto descasca as avelãs, o esquilo canta, canta canções populares russas. Conheces esta maravilha, cisne branco, ou tudo é falso, embora alguém jure o contrário?

- Não. Disseram a verdade - respondeu o cisne -. Conheço essa maravilha. Volte, pois, ao teu rosto a alegria, e dirige-te a teu palácio, onde verás... o que verás.

Guidon subiu pela colina e, quando já estava perto de suas portas, viu uma grande multidão reunida. Os rostos de todos resplandeciam e todos sorriam. Ao ver seu senhor, abriram passagem, e então Guidon descobriu um alto pinheiro sob o qual estava sentado um esquilo que, diligentemente, descascava avelãs. Deixava de um lado as cascas, de ouro; do outro, os grãos de esmeraldas verde-claras. Não fazendo nenhum caso das risadas da multidão o esquilo cantava cantos populares russas. Guidon exclamou:

- Graças te sejam dadas, cisne amado, e que Deus te conceda tanta felicidade como tu me soubeste dar. Construamos, agora, uma casa de cristal para abrigar o esquilo do príncipe, vosso senhor, e ponhamos um guarda à porta, para que ninguém o moleste, nem lhe faça nenhum mal. Algum santo peregrino, que tenha podido afastar de si as tentações do mundo, sentar-se-á ao lado do esquilo, para ir fazendo a soma de minhas riquezas. Assim, Guidon será mais poderoso cada dia e a glória desta formosa cidade se divulgará por todo o mundo.

Tudo isso foi executado, ponto por ponto. Mas os dias passavam e de novo outra flotilha se acercava da ilha. Foi saudada pelos canhões dos fortes. Os marinheiros desembarcaram. Guidon lhes deu as boas-vindas, com alegres exclamações, e lhes dirigiu algumas perguntas:

- De onde vindes, bons amigos? Que é que levam os vossos barcos? E para onde ides, ao sair daqui?

- Vimos das ilhas do oriente, de onde nossos barcos trazem alimentos, doces e sêdas preciosas para o reino do glorioso czar Santan.

- Que a brisa mais favorável vos transporte velozmente. Dizei ao czar que o príncipe Guidon lhe quer muito bem.

Os mercadores saudaram o príncipe Guidon e embarcaram. Enquanto este olhava-os fixamente, vendo-os se afastarem, o branco cisne tornou a se apresentar sobre as águas, fitando-o com atenção, sem dizer palavra. Guidon exclamou:

- Meu espírito anseia de novo poder voltar ao reino de meu pai.

O cisne bateu as asas sobre as águas, até que a neblina cobrisse Guidon da cabeça aos pés; e transformou-o, desta vez, em uma abelha. Sob esta forma, Guidon voou por sobre os mares, alcançou os barcos e escondeu-se no gorro de um dos marinheiros. Afinal, chegaram ao reino de Saltan. Este chamou os mercadores ao seu palácio, e a abelha os acompanhou.

O czar estava sentado em seu trono, vestido com um traje de tecido de ouro. Mas sentia frio e tristeza em seu coração. As irmãs da czarina estavam sentadas ao lado do czar. Este obsequiou seus convidados e lhes dirigiu a palavra, dizendo:

- Muito tempo estivestes fora de vossas casas, amigos e irmãos meus. Como vos houvestes do outro lado do mundo? E que maravilhas contemplastes?

- Com boa e má fortuna tropeçamos, ó senhor. Entretanto, confiamos em Deus, nosso Pai. Muitas maravilhas vimos, mas nenhuma tão prodigiosa como a de uma ilha coroada por uma cidade de palácios dourados. Ante o castelo do príncipe se eleva um pinheiro e a seus pés há uma casinha de cristal, construída para um pequeno esquilo cinzento, que canta nossos cantos populares e descasca avelãs com muita diligência, durante todo o dia. Essas avelãs não são, porém, das comuns, mas suas cascas são de ouro mais puro e cada grão é uma esmeralda de cor verde-clara. Um guarda gigantesco está postado ao seu lado, para que ninguém o moleste, e um santo peregrino vai contando o tesouro. Quando as tropas reais passam por diante da casinha de cristal, param e apresentam armas. Com as cascas de ouro cunham moedas do reino e as esmeraldas são mandadas a terras distante, para serem trocadas pelos gêneros necessários ao povo. Ali não existe a pobreza, nem a dor, nem miseráveis cabanas, mas sim todos vivem com esplendor e passam a vida em meio de risos e alegrias. Seu príncipe, que se chama Guidon, mandou-nos dizer que ele vos quer muito bem.

O czar se animou, muito surpreendido ao ouvir as palavras dos marinheiro, e disse:

- Se Deus me der vida, farei a viagem até essa ilha maravilhosa para conhecer o príncipe Guidon.

As duas irmãs da czarina sorriram desdenhosamente para os marinheiros. A que dirigia os teares lhes disse:

- Um esquilo que descasca avelãs! Isso é maravilha para um aldeão! Que importa que as avelãs sejam de ouro e esmeraldas? Não tem o czar maior quantidade de ouro e jóias do que as que cinqüenta esquilos pudessem amontoar? Se quereis ouvir contar coisas maravilhosas, dignas de vossa atenção, eu falarei de uma donzela, senhor, que vive além dos mares. É tão formosa que aquele que lhe olha o semblante é obrigado a desejar contemplá-lo para sempre. É tão radiante de formosura, que até os raios do Sol empalidecem ao seu lado, e quando cai a noite ilumina a Terra com sua beleza. Como sinal para ser reconhecida, existe uma meia-lua que se esconde entre seus cabelos dourados, e em seu alvo seio brilha uma estrela de prata. Seu porte é digno e imponente como o do cisne e, quando fala, sua voz soa harmoniosamente como o alegre arroio que ri ao ver o sol. Há tal majestade em sua frente, que parece designada para ser filha de um czar. Se vós, senhor quereis conhecer algo portentoso, é esta a maravilha digna de que um czar a veja com deleite.

Nada disseram a isto os sábios marujos, pois bem sabiam ser em vão querer discutir com as mulheres. Guidon, entretanto, disfarçado em abelha, não pode conter sua indignação e, zumbindo em torno da cabeça da tia pousou-lhe sobre o nariz, metendo-lhe com tal força o ferrão que ela gritou de dor. Todos os cortesões, recordando o mosquito que os tinha atormentado, ficaram em seus respectivos lugares, como se a paralisia se tivesse apoderado subitamente de seus membros. Afinal, a abelha desapareceu pela janela, atravessou os mares e, quando chegou à praias de sua ilha, se transformou de novo no formoso rapaz.

Apareceu outra vez o branco cisne à superfície das mansas águas e disse a Guidon:

- Bem-vindo sejas, meu príncipe. Por que suspiras, como o vento nas grutas do mar?

- Porque meu coração está sem amor.

- Escolhe uma donzela, e embora tua escolha recaia sobre a filha de Kotschei, ou mesmo sobre aquela cuja beleza ainda não tenha sido admirada por nenhum varão, hás de tê-la por esposa.

- Minha escolha recaiu em uma donzela, tão formosa que quem lhe contempla o rosto é obrigado a querer contemplá-lo sempre! É tão radiante que os raios do sol empalidecem diante dela, e quando chega a noite ilumina a Terra. Para que se possa conhecê-la, traz um sinal: uma meia-lua ente as tranças douradas, e em seu colo brilha uma estrela de prata. Seu porte é majestoso e digno como o de um cisne. Quando fala, sua voz soa harmoniosamente como um arroio que ri para o Sol. Tal majestade há em sua frente, que parece ter sido destinada a ser filha de um czar. Entretanto, nunca vi essa donzela. Pode ser que tenha mentido quem me contou essa história, mas se não for verdadeira, Guidon irá para a sepultura sem ter amado, pois não tomará outra esposa.

- Não mentiu quem disse tais coisas. A donzela é bem como o descreveste; mas quero dar-te um conselho, príncipe. Uma esposa não é uma luva, que se possa dependurar ao cinto e ficar ali, esquecida, ou tirada da mão e lançada aos quatro ventos. Pensa bem, pois, antes de te uníres a essa donzela. Não vás chorar depois!

O príncipe Guidon exclamou:

- Já meditei bem e juro que nada me dissuadirá de meu propósito. Nada, ainda mesmo que, para encontrar tal donzela, tivesse de percorrer trinta reinos, e fosse necessário lutar contra Kotschei, o Imortal, ou tivesse de encontrar esse pássaro de fogo para o qual não há mistério oculto. Hei de descobri-la!

O cisne suspirou tão profundamente que toda a suave plumagem de seu peito se agitou, e respondeu:

- Não necessitas percorrer trinta reinos, já que aquela que desejas para tua esposa está ao alcance de tuas mãos. Sou eu a donzela de que falas; e serei tua esposa, porque assim está destinado.

E batendo as águas do mar com as asas, ficou o cisne completamente oculto pela neblina. Quando esta se dissipou, viu Guidon diante de si uma donzela tão formosa, que se sentiu obrigado, no mesmo instante, a querer olhá-la sempre. Tinha entre as tranças douradas uma meia-lua, e em seu peito brilhava uma estrela de prata.

O príncipe caiu a seus pés, beijando-lhe a fímbria das vestes. Depois, abraçou a donzela, dizendo:

- Oxalá gozes tanta felicidade como soubeste dar-me, amada de minha alma!

Juntos se dirigiram ao palácio e se ajoelharam aos pés da mãe de Guidon. Este tomou a palavra:

- Esta é a donzela - disse - que escolhi entre todas do mundo, para ser minha fiel esposa e submissa filha tua. Rogamos-te que abençoes o amor de teus filhos, pois não conhecem paz, nem felicidade, aqueles que não receberam a benção de suas mães.

A czarina chorou de alegria, colocando o ícone do Senhor sobre suas cabeças, e exclamando:

- Tenha-os Deus, nosso pai, em sua santa companhia.

E beijou os enamorados. Os sinos tangeram sua alegre canção e grandes festejos foram preparados. Para eles foram convidados poderosos senhores e humildes servos, para que todos pudessem tomar parte na felicidade de seu príncipe e saudar a formosa noiva e oferecer-lhe suas homenagens.

Guidon passou a viver feliz com sua jovem esposa e os dias passavam tão depressa como correm as águas ao se despenharem. Tornou o vento a encrespar as águas do mar, vendo-

se sobre suas ondas uma flotilha cujas velas brancas se enchiam à forte brisa. Os canhões dos fortes saudaram com salvas e, lançando os barcos suas âncoras, os marujos desembarcaram. Guidon convidou-os a ir ao seu palácio, sentou-os à mesa e, depois de comer e beber, fêz-lhes algumas perguntas:

- De onde vindes, dignos marujos, e com que ramos de mercadorias negociais? Quando voltar o bom tempo, para onde ireis, partindo daqui?

- Vimos de uma estranha terra de gigantes, dragões e formosas sereias, que contam histórias fascinantes. E viajamos agora para o famoso reino do glorioso czar Saltan.

- Que Deus vos conceda uma viagem próspera. Levai minhas palavras de saudação ao czar, e dizei-lhe que cumpra a promessa de visitar a verde ilha e conhecer o príncipe Guidon.

Partiram, afinal, os mercadores. O vento levou os barcos ao reino de Saltan, e aqueles se apressaram a transmitir-lhe a palavra do príncipe. Estava o czar sentado em seu trono. Suas vestes resplandeciam de jóias, mas sua alma estava triste até à morte. Tomou a palavra, e disse:

- Muito e muito pacientemente temos esperado a vossa chegada, amigos. Encontraste boa ou má fortuna, do outro lado do mundo? Que maravilhas tendes para narrar?

- Má e boa fortuna encontramos do outro lado do mundo. Podemos falar-vos de gigantes e dragões, de formosas sereias com caudas verdes e brilhantes, e muitas outras estranhas maravilhas. Entretanto a maior de todas está em uma ilha que se encontra em pleno mar, onde uma cidade dourada se ergue para o céu. Há ali, um esquilo cinzento em uma casinha de cristal, sempre descascando avelãs de ouro e esmeraldas, e habita essa ilha uma princesa tão formosa que quem olha para ela uma vez deseja olhá-la sempre. É tão radiante de beleza que até os raios do Sol empalidecem ao vê-la, e quando cai a noite sua beleza ilumina a Terra. Tem, como sinal para ser reconhecida, uma meia-lua escondida entre as tranças douradas, e no seu colo brilha uma estrela de prata. Quem governa essa ilha é Guidon, e é louvado por seu povo, que diz ser ele o mais sábio entre todos os

legisladores. Dessa maneira nos mandou que saudássemos o czar Saltan: “Cumpra o czar sua promessa de conhecer a verde ilha e o príncipe Guidon.”

O czar, então, não quis pensar mais tempo se lhe convinha esperar. Ordenou que uma frota fosse lançada ao mar, para rumar, com sua corte, àquela estranha ilha que se encontrava em meio do oceano. As invejosas irmãs da czarina tentaram, é claro, fazer com que ele desistisse de tal propósito, exclamando:

- Isso é uma loucura própria de meninos tolos. Quando já se viu, ou se ouviu dizer que as cidades se erguesse e se construíssem sozinhas, que um esquilo descascasse avelãs de ouro e que donzelas tivessem lua e estrelas como sinais no corpo? Estes homens estão zombando de vós, senhor, ao contar essas coisas, e é certo que se viajardes até lá, vossa viagem será de nenhum proveito.

Exclamou o czar:

- Sou por acaso uma criança, às ordens das mulheres, ou sou o czar Saltan? Vós podeis ir ou não, como vos agradar mais, porém não penseis que eu ajuste minha vontade à vossa.

Dito isso, saiu de seu palácio e dirigiu-se para os barcos, seguido pelas duas irmãs. O príncipe Guidon, sentado na torre mais alta de seu palácio, olhava para o mar. As águas, tranqüilas, permitiam ver à longa distância; assim é que, desde muito longe, pode divisar um barco. Mais tarde chegou a vez de ver o segundo, e quando apareceu o terceiro, logo imaginou que seria a frota do czar Saltan que atravessava, em sua honra, o mar infinito. Sua alegria fez com que soltasse gritos e saísse ao encontro dos viajantes, para lhes dar as boas-vindas.

O czar fixava os olhos, extasiados, na formosa cidade dourada, plantada sobre a colina. Guidon tomou-lhe a mão, sem dizer palavra, e guiou-o até o seu palácio. Antes de entrar viu o czar Saltan o esquilo que, sentado em baixo do pinheiro, em sua casinha de cristal, descascava avelãs de ouro e esmeraldas e catava canções populares russas. Aquilo o fez rir. Entraram, depois, no amplo vestíbulo do palácio, onde esperava a esposa de Guidon.

Tão formosa era, que quem a olhava uma vez desejava olhá-la sempre. Segurando-a pela mão, estava a czarina. Quando a reconheceu, o czar exclamou:

- Quem me traiçou? Castigarei o culpado com a morte destinada aos traidores!

Guidon respondeu:

- Atraiçaram Vossa Majestade aquela a quem um mosquito picou e a que foi vítima do ferrão de uma abelha.

As duas irmãs caíram aos pés do czar, pedindo-lhe perdão. E este respondeu:

- Assim como fostes misericordiosas, receberéis de mim misericórdia.

Mas a czarina se ajoelhou também a seus pés e pôs a mão na mão do esposo e senhor, dizendo:

- Eu vo-lo peço, pela lembrança de nossa juventude na casa de nossos pais. Atendei aos seus rogos!

O czar levantou a esposa, dizendo:

- Seja como desejas; mas que se vão, ambas as tuas irmãs, de meu lado, para nunca mais voltarem de onde meu olhar não possa cair sobre elas.

As duas irmãs da czarina foram, mandadas para longe e o czar Saltan abençoou o filho e a formosa princesa. Depois, sentaram-se e dedicaram-se a festejos três dias e três noites.

Passado este tempo, o czar voltou ao seu reino com a czarina. O príncipe Guidon continuou a viver na ilha com sua esposa e com o esquilo cinzento. Foi um valente guerreiro e sábio legislador, que superou a todos, inclusive ao próprio czar Saltan.